

mento da energia acumulada para um circuito interno. Os ritos tântricos intensificam progressivamente o desejo sexual, que assim, energizado pela contenção, torna-se uma eterna fonte de energia.

Um elemento importante e na verdade essencial em toda a prática tântrica é o guru ou preceptor, sem o qual, acredita-se, não se pode adquirir os ensinamentos. Sua orientação é necessária durante o treinamento nos exercícios físicos e técnicas sexuais. Mesmo tendo as instruções escritas com a máxima precisão, o aluno só pode ir até um determinado ponto, pois lhe é praticamente impossível saber se está executando os exercícios como deve. Muitos dos exercícios não são apenas difíceis, mas fisicamente perigosos. Qualquer pressa indevida, qualquer interpretação errada das instruções (que de qualquer modo são estabelecidas em forma codificada), a ausência de um guia em momentos críticos, podem levar ao desastre psíquico e significar a diferença entre a sanidade e a insanidade, ou mesmo entre a vida e a morte. Um estudante que treinava *pramayama*, controle da respiração, perdeu o ritmo natural da respiração. Seus reflexos se descontrolaram e ele ficou arquejando como um asmático, lutando para respirar até quase sufocar. Seu guru foi chamado às pressas e ajudou-o, mas passaram-se várias semanas até ele retornar completamente ao normal. À parte o treinamento físico, há a comunicação, ao iniciado, do mantra, ou palavras mágicas, do culto secreto. As vibrações desse mantra, diz-se, penetram na rede do corpo físico, e reverberam no CORPO ASTRAL, e só podem ser comunicados pela viva voz do guru. B. W.

## Tarô

O baralho de Tarô é provavelmente o ancestral dos nossos baralhos modernos, e, como eles, pode ser usado para jogos e adivinhações (ver CARTAS). Os ocultistas, contudo, vêem no Tarô, e sobretudo

nas vinte e duas cartas conhecidas como "trunfos principais", alguma coisa muito mais importante que um simples conjunto de signos para diversão ou adivinhação. Acredita-se que o Tarô incorpora um completo sistema simbólico, uma chave para os mistérios que contêm o segredo da verdadeira natureza do homem, do universo e de Deus. Todos os tipos de influência — cabalísticas, herméticas, gnósticas, neo-platônicas, cataristas e waldensianas — têm sido vistos por trás das cartas, e sugeriu-se que elas tiveram origem na China ou Índia, foram introduzidas na Europa pelos ciganos, ou foram inventadas por uma conferência de adeptos da Cabala em 1200. Muitos ocultistas preferem pensar que o Tarô é um compêndio de sabedoria arcaica do antigo Egito, uma idéia que deriva de Antoine Court de Gébelin (1725-84), estudioso e maçom francês que investigou o baralho numa época em que a fascinação por tudo que era egípcio estava muito em voga.

O fato é que os primórdios do jogo de cartas estão impenetravelmente envolvidos em obscuridade, e ninguém sabe na verdade quando, onde, como ou por quê o Tarô passou a existir. Algumas magníficas cartas de Tarô, que se acredita tenham pertencido a um maço feito para o Rei Charles VI da França, no final do século XIV, ainda estão preservadas, e há vários exemplos de maços de baralho do século XV, destinados a instruir e educar, além de divertir. Um baralho italiano atribuído a Andrea Mantegna, por exemplo, tem cinquenta cartas, representando dez condições do homem, Apolo e as dez Musas, as dez ciências, os três princípios cósmicos e as sete virtudes, os sete planetas e as três esferas das estrelas fixas, o Primeiro Agente e a Primeira Causa. Aparentemente, destinavam-se a verdadeiros jogos, mas eram também um instrumento educacional, mostrando a ordem e a construção do universo. Dispostas corretamente, formavam uma "escada simbólica do Céu à Terra", mas

toda escada funciona nos dois sentidos e, lendo-se de baixo para cima, as cartas mostram que o "homem pode elevar-se gradualmente na ordem espiritual" (425).

O mesmo se aplica, e é sem dúvida aceito pelos ocultistas como verdade, ao próprio Tarô antigo, embora seus signos, ao contrário dos do maço "Mantegna", não se encaixem prontamente em qualquer esquema simples ou ortodoxo. Existem, de fato, vários tipos de baralho de Tarô, com diferentes desenhos e nomes para as seqüências e trunfos. O que hoje se aceita como padrão tem setenta e oito cartas. As cartas inferiores, ou "arcãos menores", consistem de quatro seqüências de quatorze cartas cada — rei, rainha, valete, pagem e as dez inferiores até o ás. As seqüências são Espadas (as mesmas do baralho comum), Taças (Copas), Varas ou Bastões (Paus) e Moedas ou Pentagramas (Ouros). Sugeriu-se que essas seqüências representam quatro objetos sagrados das lendas do Santo Graal — respectivamente espada, taça, lança e prato. Muito mais atenção, porém, se dá às vinte e duas cartas extras, os trunfos principais ou "arcãos maiores". A ordem correta é discutida, mas em geral são assim relacionadas:

♄ 0	O Louco
1	O Ilusionista
2	A Papisa
3	A Imperatriz
4	O Imperador
5	O Papa
6	Os Amantes
7	A Carruagem
8	Justiça
9	O Ermitão
10	A Roda da Fortuna
11	Força
12	O Enforcado
13	Morte
14	Temperança
15	O Diabo
16	A Torre Inclinada
17	A Estrela

- 18 A Lua
- 19 O Sol
- 20 O Dia do Julgamento
- 21 O Mundo

Adeptos modernos, entre eles A. E. WAITE e Aleister CROWLEY, criaram baralhos de Tarô próprios, modificando desenhos mais antigos no interesse daquilo que julgavam ser o simbolismo "correto". Talvez o baralho mais famoso, infelizmente bastante feio, seja o desenhado por Pamela Colman Smith, sob a orientação de A. E. Waite.

## Os Trunfos Principais

Existem muitos sistemas diferentes de interpretação das cartas — cristão, cigano, junguiano, teosófico, hermético ou cabalista. A riqueza em simbolismo e alusão desses sistemas é tamanha que não há como dois observadores obterem exatamente a mesma impressão deles, e a maioria dos estudiosos das cartas concordaria que "talvez a sabedoria mais oculta do Tarô não possa absolutamente ser posta em palavras... No fim, só se diz ao consulente o que ele não consegue descobrir por si mesmo" (192). Não há dúvida de que as cartas exercem um poderoso fascínio, uma sensação de algum mistério oculto e em última análise insondável, um poder de abrir "janelas mágicas" na mente.

O fato de que há vinte e dois trunfos foi um grande motivo para que se concentrassem as atenções sobre eles, pois na numerologia cabalística vinte e dois é o número de "tudo", de todo o universo, e os trunfos correspondem às vinte e duas letras do alfabeto hebraico e às Vinte e Duas Vias, que são linhas traçadas na Árvore da Vida da CABALA, interligando os *sefiroth*. Nesta forma os trunfos, vias e letras oferecem um plano da construção do universo e mostram tanto a emanção do universo de Deus quanto, em ordem inversa, subindo a árvore, a via mística para a união com o divino, ou via mágica